

UMA PROPOSTA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: TRABALHO DE CAMPO INTEGRADO

Ideni Terezinha ANTONELLO¹

Jeani Delgado Paschoal MOURA²

Eloiza Cristiane TORRES³

Resumo

O artigo visa apresentar os resultados obtidos com a concretização do trabalho de campo integrado realizado com os discentes do curso de graduação em Geografia da UEL/PR. Essa pesquisa possibilitou a atuação conjunta dos professores das disciplinas envolvidas (Geografia do Brasil, Geomorfologia e Metodologia e Prática de Ensino), proporcionando a apreensão das interfaces existentes entre elas. Por outro lado, o intuito desta prática pedagógica constitui-se na busca de relacionar a teoria com a prática na construção do conhecimento. Nesse sentido, o trabalho de campo é importante complemento das aulas teóricas, pois os futuros profissionais tiveram a oportunidade de problematizar a realidade e obter informações a partir da pesquisa empírica. Bem como pensar o trabalho de campo como o meio para construir alternativas que sejam relevantes para a prática pedagógica. A área objeto da investigação é formada pelos municípios de Ponta Grossa e Tibagi-PR. Acredita-se que a finalização das atividades por meio da sistematização dos dados coletados e da produção de um Jornal Informativo, pautado na proposta de Célestin Freinet, foi frutífera, pois os discentes entraram em contato com alternativas para a prática do ensino em geografia.

Palavras-chave: trabalho de campo; análise de paisagens; itinerário pedagógicos; formação de professores.

Resumé

La proposition de la formation de professeurs de Géographie: sur le terrain intègre

Le travail cherche à présenter les résultats obtenus avec la matérialisation du travail sur le terrain intègre accomplie avec les discentes du cours en Géographie d'UEL/PR. Ces recherches ont fait possible les professeurs des disciplines compliquées la performance à uni (Géographie de Brésil, Géomorphologie et Méthodologie et Pratique d'Apprendre), fournir l'appréhension des interfaces existantes parmi eux. En revanche, l'intention de cette pratique pédagogique est constituée dans la recherche de raconter la théorie avec pratique dans la construction de la connaissance. Dans ce sens, le travail sur le terrain est complètement important des classes théoriques, parce que les discentes avaient l'occasion à problématiser la réalité et obtenir de l'information qui commence de la recherche empirique. Bien aussi que penser le travail sur terrain comme le milieu construire des alternatives pour être pertinent pour la pratique pédagogique. L'objet de région de l'enquête est formé par les municipaux de Ponta Grossa et Tibagi-PR. Il est cru que la confirmation des activités à travers le systemization des données rassemblées et de la production d'un Journal Instructif, a base dans la proposition de Célestin Freinet, c'était fructueux, parce que les discentes ont pris le contact avec les alternatives pour la pratique de l'enseignement en géographie.

Mots - Clé: travail sur terrain intègre; analyse de paysages; la formation de professeurs.

¹ Prof^a. Adjunta da Universidade Estadual de Londrina/PR. - Rua Samuel Moura,710, ap. 703. Londrina/PR, CEP:86061-060 - antonello@uel.br

² Prof^a. Assistente da Universidade Estadual de Londrina/PR. - Rua Niterói,318, ap.301-C. Londrina/PR, CEP:86026-040 - Jeanimoura@uol.com.br

³ Prof^a. Adjunta da Universidade Estadual de Londrina/PR. - Rua Delaine Negro, 55, ap.104 Pq. Universitário I. Londrina/PR, CEP:86055-680 - elotorres@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Tornar o ensino mais dinâmico e diversificado pelo relacionamento interdisciplinar, assumindo a postura do aprender a aprender e do aprender a pensar. (MARTINS, 2001, p.23).

O intuito deste artigo é apresentar uma experiência de ensino, colocada em prática na formação de professores, por meio da realização de um trabalho de campo integrado, desenvolvido nos municípios de Ponta Grossa e Tibagi/PR, o qual se concretizou como parte das atividades acadêmicas referentes às disciplinas de Geomorfologia, Geografia do Brasil e Metodologia e Prática de Ensino de Geografia-Estágio Supervisionado, ministradas na 4ª Série do Curso de Geografia, da Universidade Estadual de Londrina.

O trabalho de campo é concebido como um importante instrumento na formação de professores, pois se constitui em um meio para desenvolver uma percepção apreciativa sobre o território, num contexto menos formal que o de sala de aula, e para construir alternativas de trabalho que sejam relevantes para a prática pedagógica.

Os resultados obtidos com essa experiência de ensino serão apresentados de forma a demonstrar as etapas que nortearam o planejamento e execução do trabalho de campo integrado. Assim, estruturou-se o artigo em três focos de análise. O primeiro foco pautou-se em reflexões teóricas sobre as transformações do espaço geográfico, particularmente, voltado para a escala local, por meio da qual se vislumbram as transformações sofridas na organização sócio-espacial brasileira, pois propicia a fusão teoria e prática, ou seja, as análises teóricas fundamentam o olhar sobre o espaço concreto. No segundo foco, realiza-se uma análise das particularidades físicas que formam a área selecionada para o presente estudo. O terceiro foco constitui-se da apresentação da proposta pedagógica desenvolvida com o trabalho de campo e colocada em prática pelos discentes, proporcionando-lhes uma dinâmica diferenciada para uma atuação futura.

REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

As discussões teóricas, desenvolvidas em sala de aula, voltaram-se para o processo de transformação da organização espacial, fomentado pela intensificação do capital na base técnica produtiva dos empreendimentos, tanto rurais quanto urbanos o que acarreta mudanças na constituição do mercado de trabalho local, como a ascensão das novas funções no espaço rural e uma redefinição no perfil do trabalhador urbano. Por conseguinte, torna-se premente se realizar investigações sobre as transformações sócio-econômicas e ambientais, em curso, particularmente por se materializar no espaço de forma desigual, pois o movimento de penetração/intensificação do capital dar-se-á em prol da valorização do capital constante (tecnologia) em detrimento do padrão de produção assentado no trabalho humano.

Esse desenvolvimento geográfico desigual é inerente à atual mundialização do capital. As transformações na estrutura do mercado de trabalho podem ser capturadas com base na seguinte estatística: a atividade agrícola que ocupava 21,7% da população ativa dos países da Organização de Cooperação de Desenvolvimento Eco-

nômico (OCDE), em 1960, sofre uma redução para 10,0%, na década de 80, fruto dos avanços tecnológicos que transferem para o setor de serviço grande parte da população ativa, que passa, no mesmo período, de 43,0% para 56,3%. Ao se tomar um único país para análise, o movimento mostra a sua força na transformação da organização espacial do trabalho. Por exemplo, os EUA, em 1960, contavam com 8,3% da sua população ativa na agricultura, em 1980, esta atividade era colocada em marcha por 3,5% da população ativa americana, enquanto o setor de serviços que concentrava 58,1%, em 1960, passa para 66,4% em 1980.

Nesse contexto, o intuito dessa discussão é abarcar o processo de transformação sócio-espacial na área que compreende os municípios foco da pesquisa empírica, pois esta área apresenta peculiaridades tanto no quadro físico como social em função de uma organização espacial que se encontra em mudança. Essas mudanças são frutos da alteração na dinâmica econômica da área, as quais se fazem presentes no território via o crescimento de atividades não vinculadas diretamente à base econômica do local, no caso a agricultura pautada na produção da soja e da pecuária. Segundo Campanhola e Graziano (2004, p. 1):

O meio rural brasileiro tem passado por profundas transformações nas últimas duas décadas, contribuindo para que ele não possa mais ser considerado como essencialmente agrícola. A identificação do rural com o agrícola perdeu o sentido quando muitas atividades tipicamente urbanas passaram a serem desenvolvidas no meio rural, geralmente em complemento às atividades agrícolas.

Tais atividades são designadas de não agrícolas, como, por exemplo, o turismo rural. Contudo, ao se trabalhar com o turismo rural, emerge uma questão fundamental que se constitui na indefinição desse conceito, em função das várias concepções que são apresentadas pelos pesquisadores que se voltam para a sua análise. Conforme Oxinalde o "turismo rural engloba modalidades de turismo, que não se excluem e que se complementam, de forma tal que o turismo no espaço rural é a soma de ecoturismo e turismo verde, turismo cultural, turismo esportivo, agroturismo e turismo de aventura" (SILVA; VILARINHO; DALE, 2000, p.16).

A partir da visão de Oxinalde pode-se caminhar na direção de uma definição que se pautar nas atividades turísticas desenvolvidas no espaço rural. Entretanto, caso seja necessário um elemento diferenciador para fins de pesquisa, a defesa de Graziano e Vilarinho constitui-se em considerar na "distribuição dos rendimentos gerados pelas atividades turísticas, que é recebida pela comunidade rural ou pelos agricultores" (OXINALDE, 2000, p.16).

Por outro lado, destaca-se que o importante é voltar-se para essa discussão independentemente da terminologia aplicada, pois, como defendem Laurent; Mandy (2000, P. 165) "Turismo rural, turismo verde, turismo da terra. Os termos florescem, mas todos partem da constatação de que o turismo pode ser um recurso para os espaços em declínio, ou para aqueles que procuram um novo sopro de desenvolvimento local".

Essas atividades apresentam-se como foco da investigação, pois se constituem na perspectiva de fomentarem o crescimento econômico local e, principalmente, a possibilidade de manterem a população no seu lugar de origem. Nesse ponto é que se depositam as perspectivas positivas de ascensão de novas funções que assume o espaço rural, o que é uma realidade para países de capitalismo avançado, como observam Laurent e Mandy em relação à França, nas palavras dos autores:

O turismo francês representa também um milhão de empregos diretos permanentes. É uma oportunidade de desenvolvimento econômico para uns 40 departamentos (municípios) rurais, onde a agricultura tende a desaparecer e os centros urbanos esvaziam-se de suas indústrias tradicionais. É o meio de manter no campo uma população que pode encontrar no local um complemento da renda e também serviços públicos essenciais. É, enfim, uma atividade que pode exercer um papel importante na proteção da natureza. (LAURENT; MANDY, 2000, p.163).

Não é mais possível desenvolver uma abordagem do espaço rural somente voltada para a base produtiva agrícola até então predominante, mas para as novas funções que assumem esse espaço na contemporaneidade. Essa questão encontra-se presente no dossiê denominado "une nouvelle politique que pour le monde rural", lançado pelo governo francês, em 2003. Conforme Antonello (2004, p. 155), "esse documento desenvolve sua análise a partir de quatro funções diagnosticadas do espaço rural, quais sejam: a função recreativa/turística, a residencial, a de preservação da natureza e a produtiva". A autora ressalta que de acordo com a pesquisa o espaço rural francês "constitue aujourd'hui un lieu de résidence recherché, une destination de plus en plus courue par lês vacances et deviente un terrain d'initiatives" (DATAR, Apud: ANTONELLO, 2004, p.155).

Esse fenômeno, o de crescimento de atividades não agrícolas, não pode ser negligenciado pelos pesquisadores, particularmente, ao se saber que essas atividades obtiveram uma ascensão de 5,90%, entre 1981 e 1990, no espaço rural brasileiro, enquanto as atividades essencialmente agrícolas cresceram 0,70%. A preocupação de apreender esse fenômeno se faz presente em vários teóricos como Gros (1987), Pozo (1997), Weller (1997) e, no Brasil, essa discussão começou ganhar ênfase com Graziano (1996) que defende a idéia de estar ocorrendo uma "urbanização do campo brasileiro" com o crescimento das ocupações não agrícolas. Em relação à realidade paranaense, Del Grossi (1996) analisa a ampliação significativa de atividades ligadas a ramos não agrícolas. O que chama atenção no relatório de pesquisa, realizado por Del Grossi; Laurenti (1999, p. 3) para o Brasil, é a necessidade de desenvolvimento de pesquisas de base local, pois alertam que "... as dissimilaridades regionais, detectadas neste relatório, não autorizam a elaboração de uma agenda uniforme de políticas públicas voltadas ao fomento da expansão das atividades não-agrícolas no meio rural".

Nesse sentido, a presente proposta de pesquisa investigativa, desenvolvida de forma integrada com outras disciplinas, ganha relevância ao ter como objeto a realidade próxima do discente, e, principalmente, a busca de levar uma abordagem teórica que ganha significado prático e que possa se fazer presente na prática pedagógica do futuro profissional de geografia.

PARTICULARIDADES DA ÁREA DE ESTUDO

Os municípios de Ponta Grossa e Tibagi, localizados na parte leste, no Estado do Paraná, formam uma área importante para a pesquisa, por apresentarem peculiaridades tanto no quadro físico como humano. São municípios que se destacam no Estado pela implementação e desenvolvimento das atividades direcionadas ao turismo, nos quais se encontram várias atividades presentes em função do turismo. Essas

atividades vinculam-se às potencialidades apresentadas pelos aspectos físicos da área, os quais delegaram ao lugar uma paisagem com extraordinária beleza, bem como um relevo que proporciona várias práticas de turismo do radical ao apreciativo.

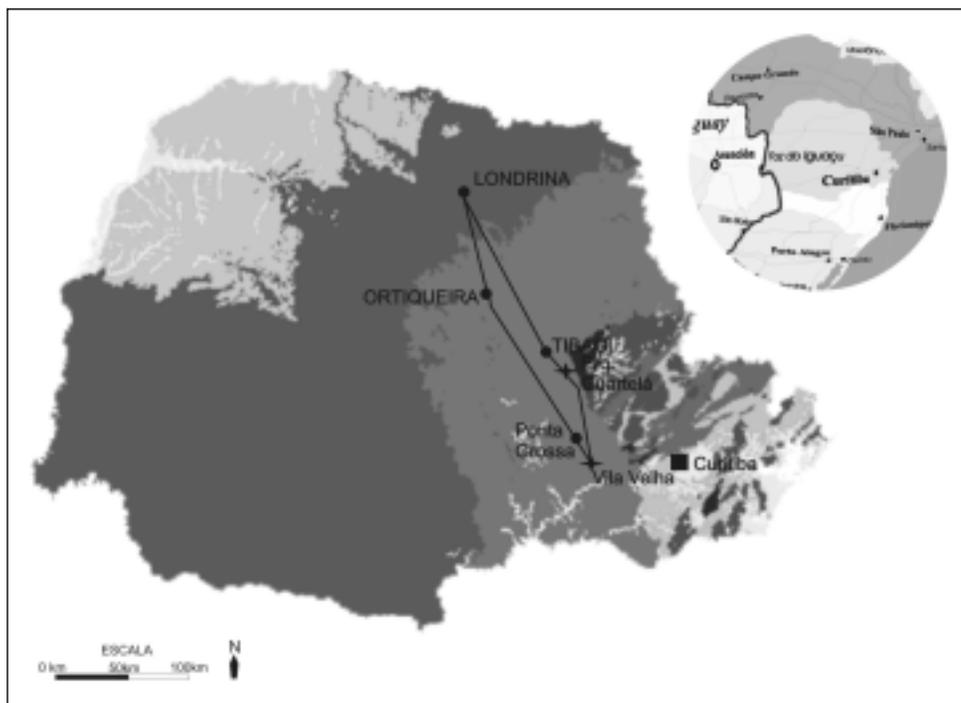
Observa-se na figura 1 a constituição geológica do Estado do Paraná, bem como o trajeto percorrido durante as atividades de campo. A partir da visualização da base geológica é possível perceber-se que esse trajeto abrange os três planaltos paranaenses. Sobre os planaltos paranaenses, é interessante colocar que: O planalto cristalino, também chamado Primeiro Planalto do Paraná, apresenta uma faixa de terrenos cristalinos, que se estende em sentido norte-sul, a oeste da Serra do Mar, com uma largura média de cem metros e cerca de 900m de altura. A topografia varia de acidentada, ao norte, a suavemente ondulada, ao sul. Um antigo lago, hoje atulhado de sedimentos, forma a Bacia Sedimentar de Curitiba. O Planalto Paleozóico, também chamado Segundo Planalto do Paraná ou Planalto dos Campos Gerais (ou Ponta Grossa), desenvolve-se em terrenos do período paleozóico. É limitada, a leste, por uma escarpa, a Serrinha, que cai para o Planalto Cristalino e, a oeste, pelo paredão da Serra Geral, que sobe para o Planalto Basáltico. O Planalto Paleozóico apresenta topografia suave e ligeira inclinação para oeste: em sua extremidade oriental alcança 1.200m de altura e, na base da Serra Geral, a oeste, registra apenas 500m. Forma uma faixa de terras de aproximadamente cem quilômetros de largura e descreve uma gigantesca meia-lua, cuja concavidade se volta para leste. O Planalto Basáltico, ou Terceiro Planalto do Paraná, também chamado Planalto de Guarapuava, é a mais extensa das unidades de relevo do estado. Limita-o, a leste, a Serra Geral, que, com um desnível de 750m, domina o Planalto Paleozóico. A oeste, o limite é assinalado pelo rio Paraná, que, à jusante do ponto onde ficavam os saltos de Sete Quedas, forma impressionante desfiladeiro (na verdade, o planalto prolonga-se para além dos limites do Estado do Paraná e constitui parte dos territórios de Mato Grosso do Sul, do Paraguai e da Argentina. (Adaptado de MAACK, 2002, p. 201).

A análise sobre as particularidades da área se pautou no estudo sobre a paisagem que compõe o Segundo e o Terceiro Planalto Paranaense e as formas de modelos existentes, buscando a compreensão dos processos (endógenos e exógenos) de elaboração dos relevos de Vila Velha/Ponta Grossa e do Canyon Quartelá/Tibagi, além do seu potencial turístico.

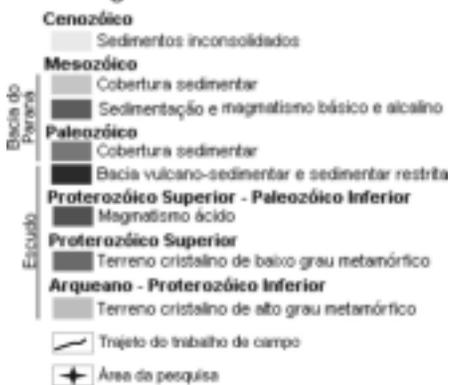
Durante o trabalho de campo, procurou-se problematizar a realidade, transpondo questões teóricas para o empírico, aprimorando assim a postura investigativa por meio da observação, percepção, descrição e interpretação dos diferentes aspectos da paisagem.

No município de Ponta Grossa, a investigação ocorreu no Parque Estadual de Vila Velha, o qual foi criado em 1953, sendo que em 1996 o pacote arenítico foi tombado pelo Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Paraná, revitalizado e reaberto em 2004. Trata-se de uma área de preservação deste patrimônio, mas que tem incentivado o turismo local. Nesse local os discentes puderam observar a ação eólica na elaboração do relevo, além do intemperismo químico marcante. Esse conjunto de esculturas naturais em arenito é distribuído sobre um platô topográfico decomposto pelas ações químicas e físicas, originando o relevo ruiforme. Os arenitos que compõem essas esculturas pertencem ao grupo Itararé, de idade carbonífera superior, ou seja, foram formadas há aproximadamente cerca de 300 milhões de anos. A esculturação é um fenômeno mais jovem se comparado à formação de arenitos, pois resulta de processos erosivos das últimas dezenas de milhões de anos da história da Terra, na Idade Cenozóica. Esse processo de esculturação delegou ao imaginário popular formas areníticas que fomentam a criatividade humana ao serem designadas de diferentes maneiras como: botas, taças e índios. Nas figuras 2 e 3 constam-se essas formas.

Figura 1 – Constituição geológica do Estado do Paraná



Legenda:



Fonte: www.mineropar.gov.br

Figura 2 - Arenitos esculturados pelo intemperismo físico e químico



Fonte: Trabalho de Campo, 2004.
Fotografia: TORRES, 2004.

Figura 3 – Forma arenítica



Fonte: Trabalho de Campo, 2004.
Fotografia: OKAMURA, 2004.

A formação arenítica de Vila Velha é o resultado do depósito de um grande volume de areia ocorrido há mais ou menos 300 milhões de anos, no período carbonífero, quando esta região estava coberta por um lençol de gelo. Nesse período, as massas geladas vindas de vários locais se deslocaram, o solo sofreu erosão e as massas incorporaram toneladas de fragmentos rochosos dos mais diversos. Com o degelo, esse material foi ali abandonado e, com o retorno da erosão normal e com as águas dos riachos da frente glaciária engrossando, esses depósitos foram retrabalhados, originando os arenitos de Vila Velha. Esse trabalho continua nos dias de hoje com a exposição à ação da atmosfera, e, assim, ao intemperismo.

Os processos erosivos mais marcantes são as águas pluviais e de infiltração, combinadas com a ação de organismos e da energia do sol e dos diferentes graus de cimentação natural. Os ventos possuem ação significativa, mas não são os principais responsáveis pelas formas encontradas na área (AB'SABER, 1977). Ainda na área do Parque a 3 Km de distância dos arenitos, encontram-se as furnas, crateras circulares de grande diâmetro, possuindo cerca de 100 metros de profundidade, na qual se pode observar a presença das águas que afloram do lençol freático. Em função da sua peculiaridade, as furnas se constituem em um ponto importante de atração turística no Parque.

A área recebe um grande número de turistas por mês, tanto para lazer, como para estudos e pesquisas em todos os níveis de ensino. Entretanto, após a revitalização, os visitantes (em número reduzido por dia) possuem novas regras, como: não transitar pelo parque sem os guias, não levar amostras dos arenitos, o trânsito só é permitido a pé (os carros ficam na portaria), entre outras. Essas medidas visam preservar não só os arenitos, mas também a vegetação local e, assim, desenvolver um programa de educação ambiental para a área.

O município de Tibagi, que compôs a segunda etapa da pesquisa empírica, apresenta vários locais de interesse para a pesquisa geográfica, pois a área possui uma rede hidrográfica com a presença de inúmeros saltos, corredeiras, falhamentos e dobramentos. Nessa área, o Parque Estadual do Guartelá se destaca pela exuberância de sua paisagem.

A presença do Canyon Guartelá proporcionou aos discentes observarem a garganta retilínea, com cerca de 30 km de extensão e desnível máximo de 450 m, por onde passa o Rio Iapó, que por meio do canyon, vence a Escarpa Devoniana, cuesta que separa o Primeiro e o Segundo Planalto Paranaense.

Na área formada pelo canyon, podem-se observar também fraturas, falhas, dobramentos, diques de diabásio e rochas filiadas, conceitos anteriormente estudados por meio de imagens, e que, no campo, puderam ser visualizados concretamente. É bom lembrar que canyon possui uma caracterização específica:

Nome de origem espanhola usado para designar vales de paredes abruptas, isto é, vales encaixados(...) O cañon ou canhão é, por conseguinte, uma denominação dada aos vales profundos e encaixados, os quais adquirem características mais típicas quando cortam estruturas sedimentares que pouco se afastam da horizontal. Forma-se uma série de degraus ou patamares ao longo do corredor escavado pela erosão. Os canhões são, na realidade, vales encaixados, vales em garganta, isto é, depressões longitudinais, como se fossem um grande desfiladeiro, onde a diferença entre a linha de talvegue, ou o fundo da calha aluvial, e o topo do planalto é, às vezes, de algumas dezenas, ou mesmo centenas de metros. As encostas do vale são abruptas, o que demonstra o predomínio da ação erosiva vertical, resultan-

do numa topografia característica. (GUERRA; GUERRA, 2001, p. 302).

Dessa forma, nota-se como os canyons possuem características físicas marcantes euntuosas, constituem um potencial para a prática do turismo ambiental e, ao mesmo tempo, uma interessante fonte para desenvolvimento da renda municipal.

É importante lembrar que as escarpas do Canyon do Guartelá são sustentadas pelo Arenito Furnas (Devoniano da Bacia do Paraná), o qual apresenta erosão diferencial, controlada pelas variações de atributos da rocha e estruturas sedimentares e rúpteis, gerando o relevo ruíniforme (DIEDRICHS, 1995).

As figuras 4 e 5 apresentam algumas características da área que compreende o Parque Estadual do Guartelá.

Figura 4 – Caynon do Guartelá



Fonte: Trabalho de Campo, 2004.

Fotografia: OKAMURA, 2004.

Figura 5 – Formação geomorfológica – crê

Fonte: Trabalho de Campo, 2004.
Fotografia: OKAMURA, 2004.

Pode-se observar, nas imagens acima, particularmente na figura 4, a garganta do canyon e visualizar os patamares esculpidos ao longo do tempo. Na figura 5, encontra-se a cachoeira conhecida como “cachoeira da ponte de pedra”, na qual foi possível desenvolver a discussão com os discentes em torno da formação geomorfológica denominada de crê. Dessa forma, pode-se visualizar, na prática, via pesquisa empírica, os conceitos anteriormente estudados em sala de aula, ressaltando-se os processos endógenos e exógenos de elaboração e transformação do relevo. Concomitantemente, buscou-se conhecer as atividades turísticas presentes na área e refletir sobre a preservação do meio ambiente e das suas potencialidades, que proporciona à população local uma renda para manter-se no seu lugar de origem.

Nesse contexto, compreender as formas de apropriação do relevo da área, pelas atividades de turismo ambiental, torna-se fundamental na pesquisa geográfica, vez que se caminha no sentido de superar a dicotomia entre o físico e o humano.

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Toda prática de ensino deve estar fundamentada em linhas metodológicas capazes de implementar o novo, na perspectiva da construção e reconstrução do conhecimento. A prática cotidiana associada às reflexões teóricas aponta a necessidade de se repensar o processo de ensino-aprendizagem, pois o ato de ensinar e aprender tem, como principal desdobramento, diferentes formas de conhecer, fazer e conviver, habilidades que poderão ser desenvolvidas num ambiente investigativo, a partir da valorização da pesquisa, pois se acredita que:

A tirania da informação não é apenas da mídia, porque inclui, também, o nosso trabalho na universidade. Quero insistir, nessa tecla, porque o nosso trabalho como professores é a base com a qual se educam e se reeducam as gerações. Quanto mais o nosso trabalho for livre, mais educaremos para a cidadania. Quanto mais o nosso trabalho for acorrentado, mais estaremos produzindo individualidades débeis. É urgente que o ensino tome consciência dessa situação, para esboçar a merecida reação, sem o qual correemos o grande risco de ficar cada vez mais distantes da busca ideal da verdade. (SANTOS, 1997, p. 13).

Dessa forma, essa proposta metodológica procura fomentar o debate acerca da importância da pesquisa na formação de professores, pois estudar o espaço, na ótica da Geografia, implica um esforço teórico-metodológico para abarcar a relação sociedade-natureza numa visão de totalidade, que se configura em diferentes paisagens, pois a feição destas depende do tipo de relação que se tem entre homem-homem e homem-natureza. Nesse sentido,

O trabalho de campo constitui-se um instrumento fundamental para essa "leitura", por meio da qual se desvenda o entorno e se estabelece a mediação entre o registro, o conhecimento já sistematizado e informado e o seu significado, auferido através de um processo dinâmico e dialético para o entendimento da realidade, especialmente naquilo em que ela se apresenta como "inexplicável", por isso mesmo instigadora. [...] o desafio é fazer trabalhos de campo. É fazer do trabalho de campo uma das possibilidades para que a teoria e a prática sejam articuladas na e articuladoras da pesquisa e da reflexão necessárias à construção/reconstrução de (novos) saberes sobre realidade geográfica. (SILVA, 2002, p.62, 71).

O trabalho de campo, como um método eficaz na produção da pesquisa geográfica e na prática de ensino, pode proporcionar aos discentes a oportunidade de confrontação da realidade observada com as discussões teóricas realizadas em sala de aula, possibilitando a atuação conjunta dos professores das disciplinas envolvidas e a percepção das interfaces existentes entre elas. Para Cavalcanti

Enquanto formadores de profissionais em Geografia, uma contribuição importante no desenvolvimento de capacidades de pensamento abstrato é descobrir com os professores o caminho que leva o pensamento a se defrontar com a realidade e a analisá-la, demonstrando as possibilidades que tem o pensamento geográfico. Pode-se, ainda, demonstrar que instrumentos medeiam o pensamento geográfico para analisar a realidade. (2003, p. 203/4).

Essa particularidade norteou o projeto de trabalho de campo integrado, no momento que visou buscar a inserção da teoria na prática para o discente, futuro profissional da educação. Ao mesmo tempo, visou criar a conscientização nesse profissional da importância de introduzir nas aulas de geografia, em todos os ciclos do ensino, a pesquisa empírica via trabalho de campo. Nesse sentido, a concretização da pesquisa empírica poderá fomentar no discente a reflexão, a análise, a interpretação e, principalmente, a capacidade de abstrair da experiência prática o processo de transformação sócio-espacial, abordadas teoricamente em sala de aula e, por conseguinte, cristalizar a compreensão teórica.

Salienta-se que o mecanismo de aproximação teoria-prática via trabalho de campo coloca em cena o próprio aluno como sujeito atuante no seu processo de aprender, entender e compreender as transformações espaciais. Por outro lado, apreender essas transformações como fruto do trabalho social, isto é, da sociedade da qual ele faz parte. Dessa forma, introduz a perspectiva de que ele próprio é o ator social que atua no movimento de produção e reprodução do espaço na escala local. Tal situação pode ser visualizada nas palavras de Santos:

No lugar, nosso próximo, se superpõe, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. (1997, p. 258).

A especificidade de trabalhar com espaço geográfico brasileiro encontra no “nosso próximo” a sua essência e o fundamento da pesquisa investigativa, que proporciona a observação direta do homem como ator/agente, vivenciando o meio físico e social em uma relação dialética que produz o espaço a partir do seu trabalho. O trabalho social materializado, ao longo do processo histórico, revela as temporalidades e espacialidades do desenvolvimento e tecnificação de uma sociedade, pois, ao mesmo tempo em que o homem é criador das formas espaciais, ele torna-se parte integrante da sua criação. Por conseguinte, o trabalho de campo constitui-se em um instrumento pedagógico de fundamental importância ao se colocar a sociedade no foco da análise e buscar introduzir a concepção de que é o homem o produtor de seu espaço e não mero espectador, em outras palavras não o considerar apenas como produto social. Tal concepção volta-se para a formação humana de um professor, no sentido de que o conhecimento, quando constituído de forma ativa, isto é, compartilhado, cria as condições para o florescer de novos saberes. Nessa perspectiva, o trabalho de campo trilhou o caminho na busca de que a “... compreensão do real, do presente, como ato de descortinar seu conteúdo, sua gênese, resulta da mediação entre teoria e prática” (SILVA, 2002, p.67).

É importante esclarecer que o trabalho de campo é um meio eficaz de ensino e não um fim em si mesmo, por isso defende-se a necessidade de continuidade dessa prática no retorno à sala de aula, para não se correr o risco de ficar ancorado apenas nas informações obtidas *in locuz* e/ou na reprodução da teoria abarcada nos momentos que antecederam a saída.

Destaca-se que visando apreender os pontos discutidos acima, estruturou-se o trabalho de campo com base em um planejamento. Esse se tornou fundamental para a concretização do trabalho de campo. O primeiro passo constituiu-se na aplicação de uma enquête com os discentes (professores em formação inicial) para que estes pudessem opinar sobre a escolha da área e do trajeto da pesquisa de campo, como o intuito de inserir o aluno na concepção e organização da investigação empírica. Posteriormente, os professores envolvidos, realizaram reuniões para a elaboração do projeto que nortearia a pesquisa de campo. Os pontos que nortearam o projeto podem ser observados a seguir:

CARACTERIZAÇÃO GERAL

Docentes: Eloiza Cristiane Torres, Ideni T. Antonello e Jeani Delgado Paschoal Moura.

Disciplinas: Geografia do Brasil, Geomorfologia e Metodologia e Prática de Ensino em Geografia: Estágio Supervisionado.

Séries: 4ª Matutino e Noturno – Curso de Geografia – Habilitação: Licenciatura.

TRAJETO: Londrina – Ponta Grossa – Tibagi.

Saída: 18-06-04 (Sexta-feira); **Horário:** 6 horas; **Local:** Em frente ao Museu Carlos Weiss.

Retorno: 20-06-04 (Domingo); Horário previsto: 20h00.

JUSTIFICATIVAS

Este projeto visa concretizar parte das atividades acadêmicas através da realização de um trabalho de campo integrado, relacionando teoria e prática na construção do conhecimento. Nesse sentido, o trabalho de campo é um importante complemento das aulas teóricas, no qual os futuros profissionais (professores de Geografia ou geógrafos) terão a oportunidade de problematizar a realidade e coletar informações a partir da observação, percepção, contato, registros (fotografias, gravação, filmagem, entrevistas), descrição, entre outros que se façam necessários para apreender a dinâmica de uma área com peculiaridades tanto no quadro físico como humano.

OBJETIVOS

Objetivos Gerais:

- Compreender a importância e necessidade do trabalho de campo como um método eficaz na produção da pesquisa geográfica e na prática de ensino;
- Proporcionar aos alunos a oportunidade de confrontação da realidade observada nas localidades visitadas durante o TC, com as discussões teóricas realizadas em sala de aula;
- Possibilitar a atuação conjunta dos professores das disciplinas envolvidas, possibilitando aos alunos a percepção das interfaces existente entre elas.

Objetivos específicos:

- Discutir o trabalho de campo como um meio para desenvolver uma percepção apreciativa sobre o território num contexto menos formal que o de sala de aula, e construir alternativas de trabalho que seja relevante para a prática pedagógica;
- Proporcionar a fusão da discussão teórica das novas funções que assume o espaço rural com a prática pautada na experiência empírica (trabalho de campo);
- Observar e apreender a importância econômica do desenvolvimento das atividades direcionadas ao turismo, nos municípios de Ponta Grossa e Tibagi,

nos quais se encontram várias atividades presentes em função do turismo rural e ecológico;

- Analisar as potencialidades turísticas presentes na área via a pesquisa empírica e refletir sobre a preservação do meio ambiente e das potencialidades oferecidas pelo mesmo na busca da população local em obter uma renda para manter-se no seu lugar de origem;
- Apresentar aos alunos os dois planaltos paranaenses e formas de modelado existentes nos mesmos;
- Compreender os processos (endógenos e exógenos) de elaboração dos relevos de Vila Velha e Tibagi (mais especificamente do canyon Guartelá);
- Compreender a apropriação do relevo da área pelas atividades de turismo ambiental.

ROTEIRO: ATIVIDADES PREVISTAS

- **Dia 18-06:** saída às 6 horas (previsão/chegada -10:30 min);
10:30 min -12:30 min: Visita ao Parque Vila Velha;
13h00 -15h00: almoço;
15:30 min: saída para Tibagi (previsão/chegada: 17 horas);
18 horas: Café Colonial
Pernoite: Tibagi;
- **Dia 19-06:**
8h00-12h00: visita ao Parque Guartelá;
12h00-14h00: almoço;
14h00-18h00: visita ao Museu Histórico e o Mercado dos Tecelões;
20h00-23h00: Noite de Talentos (momento cultural e vivência/elaborado pelos alunos);
- **Dia 20-06:**
8h00-12h00: visita ao Salto da Rosa e Puxa Nervos;
12h00-14h00: almoço;
14h00: retorno para Londrina (previsão/chegada 20h00).
- Distância percorrida: 819,6 km (exatos) -1000,0km (com margem de erro e percurso interno)

POSTURA INVESTIGATIVA DO GRUPO

- observar e anotar os aspectos pertinentes aos objetivos propostos nas 3 disciplinas, estabelecendo diálogos com os profissionais e moradores das áreas visitadas, colhendo dados e informações que possam auxiliar na caracterização e análise da área em estudo;
- fotografar e/ou desenhar aspectos de interesse das paisagens observadas e coletar documentos escritos, cartográficos ou fotográficos disponíveis no campo e
- Não esquecer de levar equipamentos de campo: máquina fotográfica, filmadora, prancheta, canetas, gravador, bem como, roupas e sapatos confortáveis para garantir o nosso sucesso nas longas caminhadas.

É importante salientar ainda que, o planejamento do trabalho de campo foi concretizado em três etapas que embora distintas, são indissociáveis. As atividades pré-campo que iniciaram com a discussão do projeto com os discentes, posteriormente as atividades se desencadearam com o levantamento bibliográfico e estudos sobre os lugares que foram objetos de investigação empírica. O segundo momento constituiu-se na prática de campo, a qual ocorreu com as visitas nas localidades selecionadas e pautou-se em atividades não diretivas, que conta com maior autonomia do grupo no processo de conhecer e atividades diretivas, que conta com a orientação direta do professor, por fim, as atividades pós-campo, que contaram com a análise e interpretação dos dados obtidos *in loco* resultando na produção de um jornal informativo.

Ressalta-se que Freinet (1896-1966), foi o grande idealizador dessa proposta. Professor de escolas primárias francesas combatia as concepções tecnicistas, morais e intelectuais ultrapassadas. Sua metodologia se pautava em três princípios fundamentais: o tateamento experimental, a livre expressão e a vida cooperativa. (ELIAS, 1997).

No desenvolvimento de cada etapa, optou-se por trabalhar com o processo de construção de conhecimentos pelos discentes, cuja metodologia voltou-se para a busca de uma atuação direta destes, por meio do desenvolvimento de atividades em equipes, orientadas pelos professores envolvidos no trabalho, pois se acredita que, para superar um ensino bancário, é preciso avançar, lançando mão de instrumentos que possibilitem um pensar relacional, fruto da experiência adquirida por meio do confronto de conhecimentos prévios com aqueles produzidos cientificamente, ou em outras palavras:

Para haver um ensino de geografia com bases críticas, é necessário que haja um professor que exerça o papel de mediador desse processo, com um determinado tipo de mediação – que requer domínio de conteúdos, pensamento autônomo para formular sua proposta de trabalho, sensibilidade para dirigir o processo em todas as etapas e nos diferentes momentos para o aluno. É pelo trabalho docente, em contextos produzidos e produtores dessas mudanças, que o ensino de Geografia (...) realiza-se. (CAVALCANTI, 2003, p. 195).

Dessa forma, buscou-se instigar em todas as fases do trabalho, a reflexão acerca da produção do espaço local e de suas inter-relações com o regional e o mundial.

Assim, os discentes se dividiram em oito equipes, e se responsabilizaram por atividades diferenciadas, no entanto, assumindo, em todas as etapas, uma postura investigativa. Ao retornar do campo, eles sistematizaram os dados obtidos por meio da produção de textos próprios, mostrando as peculiaridades da área estudada, os quais foram repassados à equipe editorial para a produção do jornal. É importante esclarecer que:

Esses jornais poderão ser feitos desde a pré-escola, pois são um grande estímulo para a aprendizagem da escrita e da leitura, e depois poderão continuar até a faculdade. Sempre é hora de se exprimir. O momento da emoção é importante em todas as épocas da vida. (...) O importante é que todo o trabalho seja feito pelos alunos (...). (SAMPAIO, 2002, p. 205).

Figura 6 – Jornal informativo



Fonte: Jornal VIAGEO, 2004.

O resultado dessa prática pedagógica pode ser vislumbrado na figura 6, a qual se constitui na página de abertura do jornal produzido pelos discentes.

Para a produção desse material didático, a primeira equipe ficou responsável pela organização geral, produção final e divulgação do jornal. Após a sistematização dos dados pós-campo, esta equipe recolheu a produção, realizada pelas demais equipes, e calculou o custo referente às despesas com o jornal (correção ortográfica, cópias, fotos, entre outros) para que pudesse ser dividido entre os autores.

A segunda equipe atuou no Parque Estadual Vila Velha – Ponta Grossa/PR – e a terceira no Parque Estadual Guartelá – Tibagi/PR, as quais buscaram desvendar as características específicas da área, por meio do resgate de suas particularidades, tendo como base a teoria vista em sala de aula e a observação direta. As atividades foram sistematizadas, nas quais ressaltaram a importância ambiental da área, apresentando também explicações em relação ao processo de formação das estruturas observadas e a importância da área para o turismo local.

Realizaram-se entrevistas com os guias turísticos, com o intuito de captar a percepção espacial desses profissionais, na busca de apreender, via discurso oral deles, a sua experiência vivida, pois é por meio dos sujeitos sociais que se torna possível adentrar no espaço vivido e resgatar pontos essenciais para compreender as transformações sócio-espaciais, particularmente, ao se direcionar a profissionais – como os guias turísticos – que dependem, no caso da área de pesquisa, para sua atividade das potencialidades oferecidas pelos recursos naturais. Para finalização, organizaram os dados e informações obtidas, a fim de caracterizar efetivamente a área e, por meio de uma síntese, elaboraram um texto para a produção do jornal.

As informações, no Salto da Rosa e na Fazenda – São Damásio Tibagi/PR, foram obtidas pela quarta equipe, que se utilizou entrevistas, com o objetivo de levantar elementos que norteassem a análise sobre a relação sociedade-natureza, especificamente, sobre a geomorfologia da área e sua relação com as atividades turísticas e de lazer, desvendando as peculiaridades do lugar. Para tanto, essa equipe entrevistou os proprietários do empreendimento turístico, denominado Salto da Rosa, e da fazenda, onde servem o café colonial, e obtiveram informações referentes às potencialidades econômicas, vinculadas às atividades inseridas nas novas funções que o rural assume.

Destaca-se que o outro ponto da pesquisa empírica voltou-se para o Museu Histórico de Tibagi/PR e debruçou-se sobre a fala dos pioneiros, pois se acredita que é possível "... aproximar a teoria do empírico via análise do discurso oral dos sujeitos sociais, no momento em que discorrem sobre sua trajetória de vida, do seu lugar, da sua existência" (CALVENTE; MOURA; ANTONELLO, 2003, p. 398). Dessa forma, foi possível encontrar testemunhos importantes para se repensar o espaço-tempo e analisar os elementos que expressam as condições sociais, econômicas e políticas do município, apreendendo as transformações ocorridas face ao implemento das atividades, desenvolvidas ao longo do processo histórico, vivenciadas por esses testemunhos vivos do município. Além das informações obtidas no museu, o recurso da memória viva foi um importante instrumento de coleta de dados, pois, com o discurso oral de alguns pioneiros, a quinta equipe pôde capturar as alterações ocorridas no seu espaço geográfico.

Nesse sentido "... a experiência de ouvir as histórias de vida dos mais velhos, com relação ao meio, permite reconstruir o presente, tomando-se por base histórias individuais, caminhando para o entendimento de uma história comum, fortalecendo as identidades coletivas e as relações sociais no presente" (CALVENTE; MOURA; ANTONELLO, 2003, p.391).

A sexta equipe realizou sua pesquisa no Mercado dos Tecelões – Tibagi/PR, na tentativa de resgatar a importância do artesanato, bem como a valorização das atividades manuais, na atualidade. Essa equipe entrevistou os artesãos a fim de investigar o processo produtivo, destino dos produtos, materiais utilizados e sua procedência, entre outros.

A equipe da integração (a sétima), propôs-se a discutir a importância do trabalho de campo realizado, bem como dos momentos de vivência preparados e desenvolvidos com a totalidade do grupo. Essa equipe sistematizou todo o processo de preparação do trabalho de campo (planejamento/execução/conclusão); elaborou as

atividades de vivência nas horas livres; e realizou, durante a viagem de retorno, entrevistas com os alunos sobre a experiência vivenciada, a fim de analisar a importância das atividades desenvolvidas e sua contribuição para a sua formação, neste momento particular, em que estão concluindo o curso de licenciatura.

A oitava equipe não participou diretamente da produção do jornal, mas teve uma atuação importante, vez que produziu painéis, nos quais registraram os diversos pontos trabalhados na pesquisa investigativa, por meio de fotos e croquis. Nesse sentido, a produção de painéis foi concebida como uma alternativa didática.

Acredita-se que a finalização das atividades, por meio da sistematização dos dados coletados e da produção do jornal pautado na proposta de Freinet, foi satisfatória, já que os discentes tiveram a oportunidade de pesquisar e elaborar um material didático alternativo, direcionado ao Ensino Fundamental e Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca de práticas de ensino a partir de caminhos predeterminados constitui-se em um risco, por isso com esta análise não se quer receitar técnicas que se encerrem em si mesmas, mas sim fomentar o debate sobre a importância da aplicação de metodologias diferenciadas que surjam no seio da própria ação educativa.

Nesse sentido, essa prática pedagógica, desenvolvida no ano em que a turma conclui o curso de licenciatura, com a perspectiva de atuação na carreira do magistério, foi significativa, uma vez que demonstrou a validade de se considerar a realidade concreta, ancorada em suportes teóricos. Pois, nas diversas etapas vivenciadas pelo grupo, conseguiu-se o aprofundamento de questões referentes à reflexão sobre a relação teoria e prática, contribuindo assim com a construção conjunta de saberes essenciais para a prática docente.

Com essa experiência, foi possível vislumbrar soluções práticas para o ensino e a pesquisa em Geografia, evidenciando os pressupostos essenciais dessa ciência que busca, no seu interior, uma interpretação crítica da produção do espaço. Para efetivação dessa postura crítica é necessário que, na sua prática pedagógica, o docente proporcione dinâmicas e condições para que o discente desenvolva a sua criticidade, pois o aprender a pensar torna-se o ponto essencial a ser trabalhado na formação de professores.

Sabe-se, contudo, que se constitui em um caminho difícil de ser trilhado em função da dominação e da manipulação pela qual a sociedade sofre com a "indústria cultural". Nesse sentido, como defende Adorno, é fundamental a "reeducação dos sentidos" para se atingir uma educação que extrapole um raciocínio pautado na aparência para voltar-se à essência do objetivo de análise, no caso a produção social do espaço, pois segundo o autor "é no olhar para o desviante, no ódio à banalidade, na busca do que ainda não está gasto, do ainda não foi capturado pelo esquema conceitual geral que reside à verdadeira chance do pensamento" (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2001, p. 110).

Portanto é a partir da premissa que educação não deve ser mero processo de formação por modelagem que condiciona os alunos a situação de "depositários de coisas mortas", que se desenvolveu a presente proposta pedagógica, resgatando o trabalho de campo como uma dinâmica que leve o discente a se aproximar da realidade e, desse contato direto, apreender além do visível para ver as entranhas das transformações sócio-espaciais. E introduzir a perspectiva que objeto da geografia encontra-se em constante movimento, pois a atuação humana é contraditória,

inacabada e apresenta-se em permanente fluidez, fomentando a fluidez da organização espacial. Por conseguinte, acredita-se que o papel da educação é possibilitar e contribuir para o “aprender a pensar”.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. **Topografias ruineiformes no Brasil**. São Paulo: USP – Inst. Geografia. Geomorfologia, n° 50, 1977. 159 p.
- ANTONELLO, I. T. Ascensão do “profissional agrícola” no espaço rural francês. **Geografia**, Rio Claro, v. 29, n. 2, p.145-158, 2004.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. A formação de professores de geografia – o lugar da prática de ensino. In: TIBALLI, Elianda F. A.; CHAVES, Sandramara M. (Org.) **Concepções e práticas em formação de professores: diferentes olhares**. Rio de Janeiro: DO&A, 2003, p.189-206.
- CALVENTE, M Del C. M. H; MOURA, J. D. P; ANTONELLO, I. T. A pesquisa de memória viva – Uma experiência da sua utilização na formação dos professores de geografia. **Geografia - Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v. 12, p. 391-402, 2003.
- DEL GROSSI, M. E. Transformações no meio rural paranaense. In: CONGRESSO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34, 1996, Aracaju. **Anais...** Aracaju: SOBER, 1996, p. 51-70.
- DEL GROSSI, M. E; LAURENTI, A. **A evolução das pessoas ocupadas nas atividades agrícolas e não agrícolas nas áreas rurais do Brasil**. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/projetos>. Acesso em: 8 nov. 1999.
- DIEDRICHS, L. A. **O processo de criação do Parque Estadual do Guartelá**. 1996 Monografia (Curso de Especialização em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1995.
- ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet – uma pedagogia de atividade e cooperação**. Petrópolis: Vozes, 1997. 108 p.
- GRAZIANO, J da Silva. **O Novo Rural Brasileiro**. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/projetos>. Acesso em: 10 dez. 1996.
- GROS, Cristian. **Marché du travail production paysanne et agriculture capitaliste**. Paris: IHEAL, 1987. 68 p.
- GRAZIANO, J da Silva; CAMPANHOLA, C. **Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor**. Disponível em: <www.eco.unicamp.br/projetos>. Acesso em: 25 maio 2004.
- SILVA, J. G. VILARINHO, C; DALE, P. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, J. A; FROEHICH, J. M; RIEDL, M. (Org). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 15-84.
- GUERRA, A. T.; GUERRA, A. J. T. **Novo dicionário geológico-geomorfológico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 648 p.
- LAURENT, C; MAMDY, J.-F. O turismo rural na França. In: ALMEIDA, J. A; FROEHICH, J. M; RIEDL, M. (Org). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável**. Campinas: Papyrus, 2000, p. 163-181.

MAACK, R. **Geografia Física do estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002. 450 p.

MAPA GEOLÓGICO DO ESTADO DO PARANÁ. Disponível em: www.mineropar.gov.br. Acesso em: 01 julho 2005.

MARTINS, J. S. **O trabalho com projetos de pesquisa**. Do ensino fundamental ao ensino médio. Campinas: Papirus, 2001. 136 p.

Melo, M. S. **Canyon do Guartelá**. Ponta Grossa: SIGEP/UEPG, 2000. 145 p.

POZO, E Del. **Organisations paysannes et indigines em Amerique Latine**. Paris: Éditions Charles Léopold Mayer, 1997. 123 p.

SAMPAIO, R. M. W. **Freinet – evolução histórica e atualidades**. 2° Ed. São Paulo: Scipione, 2002. 223 p.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1999. 58 p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1997. 392 p.

SILVA, A. M. R. da. Trabalho de campo: prática “andante” de fazer Geografia. **Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 61-74, 2002.

WELLER, J. El empleo rural no agropecuario em el Istmo centro americano. **Revista de la CEPAL**, Santiago de Chile, n. 62, p.75-91, 1997.

ZUIN, A. A. S.; PUCCI, B.; OLIVEIRA, R. N. **Adorno, o poder educativo do pensamento crítico**. Petrópolis: Vozes, 2001. 115 p.

Recebido em abril de 2005

Revisado em junho de 2005

Aceito em julho de 2005